

# MAMÍFEROS DESCRITOS NA PORANDUBA MARANHENSE DE FREI FRANCISCO DOS PRAZERES

Fernando Dias de Avila-Pires <sup>1</sup>

**ABSTRACT.** MAMMALS DESCRIBED IN THE PORANDUBA MARANHENSE OF FREI FRANCISCO DOS PRAZERES. The contribution of the Franciscan priest Francisco dos Prazeres to our knowledge of the natural history, geography, history and ethnography of Maranhão in the early XIXth Century appeared in the *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil* in 1891. The original manuscript was donated to the Instituto's library in 1843, and disappeared. The printed text was a copy, without the original map, donated by Colonel Francisco Manoel da Cunha Júnior. Fray Francisco was a corresponding member, and a better historian and geographer than a zoologist. This paper summarizes the available information on the zoological expeditions that explored Maranhão. A list of all mammals described in the Poranduba Maranhense is provided, followed by the identification of the species.

**KEY WORDS.** Mammals, Poranduba Maranhense, Brazil

Este trabalho complementa a análise da contribuição ao conhecimento dos mamíferos do Maranhão legada pelos frades capuchinhos franceses Claude D'Abbéville e Yves D'Évreux, e pelo franciscano ou capucho português Cristóvão de Lisboa, no século XVII (LISBOA, 1967; AVILA-PIRES, 1989).

É importante lembrar que, mesmo após a separação definitiva do Maranhão do Grão-Pará, cronistas e naturalistas continuaram a mencionar espécies amazônicas nas relações faunísticas do Maranhão.

## AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS E O CONHECIMENTO DA NATUREZA BRASILEIRA

O conhecimento de que dispomos da fauna e flora do Brasil no século XVI deve-se, especialmente, aos religiosos que custodiaram as missões da igreja, destacando-se os jesuítas (BETENDORF, 1910). Suas descrições são mais acuradas que as dos autores famosos dos bestiários medievais. Estes últimos, herdeiros do estilo de Plínio, associavam fatos observados a versões legendárias e davam asas à imaginação na descrição de espécies existentes ou fabulosas. Infelizmente, muito dos cronistas permaneceram inéditos até o século XVII ou, mesmo até nossos dias (ALMAÇA, 1991).

A tendência enciclopédica da cultura medieval foi bem caracterizada por DELAUNAY (1962), em seu estudo da zoologia no século XVI: "*Il s'agissait d'abord de faire acte d'érudition; et l'érudition, comme le dit fort justement M.*

1) Fundação Oswaldo Cruz, Caixa Postal 926, 21041-210 Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Bolsista do CNPq.

*Gallot, n'est pas ici une méthode historique, montrant rétrospectivement l'évolution des idées, 'mais un méthode de connaissance aussi naturelle que l'observation, ...d'un intérêt actuel et dogmatique, une citation ayant la valeur d'un fait ou d'une preuve".*

A classificação de animais e plantas obedecia a critérios utilitários ou aristotélicos, como ressaltou DAUDIN (1926). Tais critérios respondiam aos interesses da peleteria, tinturaria, culinária e da matéria médica. O sistema de classificação zoológica de Aristóteles, mesmo nos casos em que se verifica analogia com taxa atuais, não era hierarquizado. Os mamíferos aquáticos ou voadores ocupavam posição ambígua e mereciam destaque as espécies de interesse para a feitiçaria e para encantamentos. Da matéria médica constavam, entre outras substâncias curiosas, o bezoar, a bili lepori, lingua avis, pulmão de raposa, fígado de lobo, víboras e teriaga. Dos encantamentos e feitiços, o boto vermelho, o uirapuru, o sangue de galinha preta e da pomba branca, a medula do osso da pata esquerda do lobo, os sapos e os morcegos.

A renovação dos métodos e a objetividade das descrições viriam com os primeiros estudos monográficos, que se detinham em analisar grupos taxonômicos restritos ou regiões delimitadas.

A descoberta e exploração do novo mundo acarretaram a necessidade de se elucidar a origem de sua fauna, flora e habitantes nativos. Um dos primeiros a se preocuparem com essas questões foi o jesuíta Miguel Cabello Balboa que chegou a Bogotá em 1566 e, posteriormente, radicou-se em Quito. O jesuíta JOSÉ D'ACOSTA, que viveu no México e no Peru, publicou a **Historia natural y moral de los indios** em Sevilha, em 1590, onde sugeria que a fauna americana não teria encontrado lugar na Arca de Noé e escapara, a nado, do dilúvio universal. Assim, antes de preocupar os naturalistas, a presença de animais na América e, principalmente, de populações reconhecidas como sendo humanas pelo Papa Paulo III na bula "*Veritas Ipsa*" em 9 de junho de 1537, provocou uma longa polêmica religiosa. Essa bula foi confirmada por outra, do Papa Urbano VIII, em 1639, que condenava o extermínio ou escravidão dos ameríndios.

As primeiras coleções museológicas incluíam, geralmente, curiosidades de natureza teratológica, preservadas em gabinetes de nobres europeus. Somente no século XVIII, por sugestão de Robert Boyle, o álcool começou a ser utilizado como líquido conservador, substituindo o sal na preservação das peles. Seu custo era elevado, sujeito que estava a impostos e taxas. O método de Boyle associado à produção industrial menos dispendiosa do vidro, viriam a ter importância notável no desenvolvimento de todos os ramos da história natural, permitindo a organização das coleções zoológicas e botânicas utilizáveis em diferentes tipos de estudos. A análise da variação individual e as coleções seriadas de amostras de populações naturais só surgiram na segunda metade do século XIX.

## O MARANHÃO

Pelo Tratado de Tordesilhas, o Brasil estava dividido entre Portugal e Espanha pelo meridiano que corta a Ilha de Marajó. No século XVII encontravam-se as duas nações ibéricas sob um mesmo rei, após a morte de Dom Sebastião, em Alcácer, na África, em 1578. Felipe de Castela tomou posse da coroa portuguesa em 1580.

Em 1621, o Ministério de Madri separou a "conquista" do Maranhão do "Estado do Brasil", cuja capital era a cidade do Salvador, na Bahia. Passou a constituir o Estado do Maranhão, incluindo os territórios da amazônia. Em 1640, Portugal tornou-se independente da Espanha.

Em 25 de fevereiro de 1652, D. João IV de Portugal suprimiu o governo do Maranhão e dividiu os territórios setentrionais em duas capitanias, do Maranhão e do Pará, com jurisdições independentes. Em 1654, as capitanias voltaram a ser reunidas no Estado do Maranhão, residindo o governador ou capitão general em Santa Maria de Belém do Grão-Pará. O Maranhão separou-se definitivamente do Grão-Pará em 1772.

Os séculos XVI e XVII assistiram à expansão portuguesa na amazônia, conquistando territórios espanhóis e expulsando holandeses, ingleses, irlandeses e franceses que haviam conseguido, em diversas ocasiões, estabelecer possessões ou, pelo menos, fortins ou feitorias até o Tapajós. Os núcleos de São Luís e de Belém foram fortalecidos com a finalidade de defenderem as conquistas portuguesas e de cobrar os direitos de comércio na amazônia (REIS, 1979). Belém e São Luís disputaram a condição de sede administrativa, em cuja condição se alternaram (LOPES, 1970).

Em 1808, com a instalação da família real e da corte portuguesa no Brasil, o Maranhão tornou-se província do reino.

No século XVII, após a tomada de São Luís pelos franceses e a instalação da colônia da França Equinocial em terras do Maranhão, os frades capuchinhos CLAUDE D'ABBÉVILLE e YVES D'ÉVREUX registraram, respectivamente, em 1614 e 1615, suas observações sobre a história natural e etnografia da região, que incluíam informações sobre os territórios do Pará oriental. Após a expulsão dos franceses, o franciscano português Cristóvão de Lisboa foi enviado ao Maranhão. De seus escritos e desenhos sobre a história natural da região, perdeu-se a maior parte, incluindo o texto (WILLEKE, 1977; AVILA-PIRES, 1989; ALMAÇA, 1991).

A análise dessas contribuições pioneiras de franceses e portugueses deve ser feita em conjunto com as dos holandeses. A Companhia das Índias Ocidentais, fundada em 1621, estabeleceu uma colônia em Pernambuco, estendendo suas operações, para o sul, até Sergipe e, para o norte, até São Luís (Fig.1). Na amazônia, os holandeses construíram "casas fortes" ou entrepostos fortificados para o comércio de especiarias. Em fins do século XVI, esses fortins alcançavam a foz do rio Xingu. Em 1633, Portugal criou a Capitania Real do Gurupá para a cobrança dos impostos devidos à fazenda real. O Maranhão foi a última conquista dos holandeses e a primeira que perderam, no Brasil

(LOPES, 1970).

O domínio bátauo perdurou em Pernambuco de 1630 a 1654, tendo o Príncipe de Nassau permanecido em Olinda de 1637 a 1644 na qualidade de governador geral. Em 1644, os portugueses recuperaram seu território e, em 1661, a Companhia das Índias abriu mão de todos os seus direitos no Brasil.

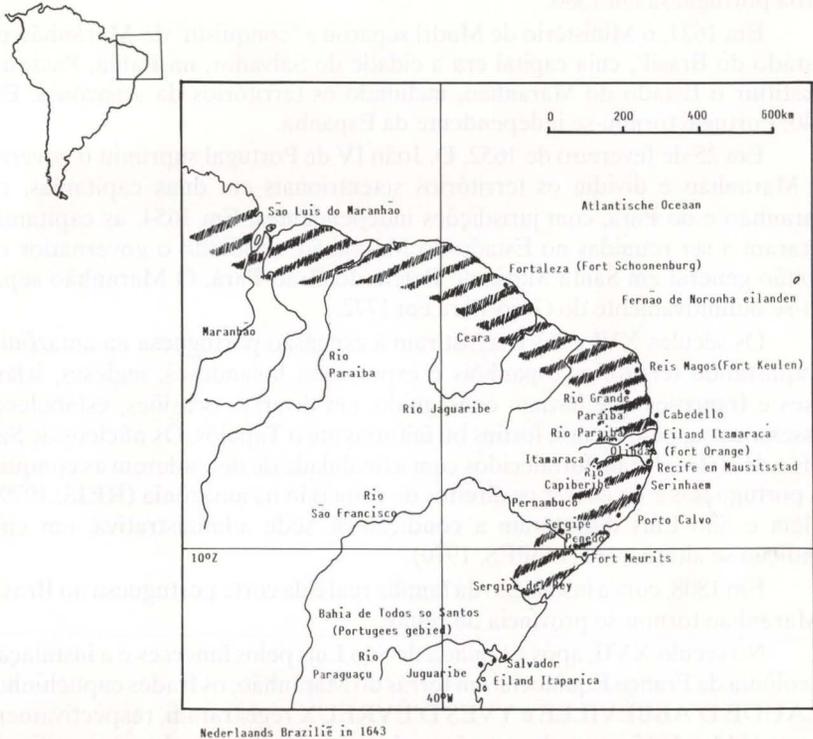


Fig. 1. Mapa do Domínio Holandês em 1643. De: Cat. Exp. Zo wijd de wereld strekt, Mauritshuis, 1979/80 (página não numerada). Redesenhado de ALBERTIN, 1985.

WAGENER (1634/1664), MARCGRAVE (1648) e PISO (1658) descreveram a fauna, flora, habitantes e doenças endêmicas na colônia holandesa, tendo a obra de Marcgrave servido de fonte de informações sobre a fauna americana utilizada por Linnaeus, em seu *Systema Naturae*. As localidades tipo de mamíferos foram fixadas por THOMAS (1911). Uma análise recente da contribuição dos artistas que aqui estiveram durante a ocupação holandesa foi publicada por ALBERTIN (1985).

Até 1808, as fronteiras brasileiras estiveram fechadas à exploração científica estrangeira, tendo havido raras exceções (STRESEMANN, 1950; AVILA-PIRES, 1967; AVILA-PIRES, 1974).

## A PORANDUBA MARANHENSE

O autor da **Poranduba Maranhense**, batizado Francisco Fernandes Pereira, nasceu em Faveiros, Alijó, Portugal em 8 de julho de 1790 e faleceu na Granja do Alijó, em 1852.

Ingressou no Convento de São Francisco, no Porto, em 1812, completando seu noviciado no Maranhão, Brasil. Em 1814 viajou ao Pará, já separado do Maranhão. Regressou a Portugal e entrou para o convento de Villa Real. Regressou posteriormente ao Maranhão e, em 1819, iniciou, em São Luís, a redação do manuscrito da Poranduba, como deixou registrado na "Nota ao Leitor". O parecer que o aprovou foi de autoria de Frei Francisco de São Jozé, do convento de São Francisco da Villa Real e foi datado de 4 de agosto de 1826. Nesse mesmo ano, o Príncipe Maximilian zu Wied Neuwied publicou a descrição dos mamíferos coletados durante sua viagem ao leste brasileiro (AVILA-PIRES, 1965).

Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, nome que adotou ao entrar para o convento, foi sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, em cuja revista publicou, em 1846, a "Coleção de etimologias brasileiras".

Na "Nota sobre a Poranduba Maranhense" (PRAZERES, 1891), Cesar Augusto Marques, membro do Instituto, relatou a doação do texto holográfico ao Instituto, feita pelo seu autor em 1843. Esse original desapareceu. O texto apresentado na sessão de 28 de abril de 1890 e publicado em 1891 na **Revista do Instituto Historico e Geographico** foi uma cópia oferecida pelo Coronel Francisco Manoel da Cunha Júnior, que por ela pagou a quantia de \$ 300, e que jurou manter em segredo o nome de quem detinha o original. O mapa que acompanhava o manuscrito e ao qual Frei Francisco se refere como sendo de sua autoria, perdeu-se.

A "Nota" traz vários enganos de datas, além de referir-se aos frades franceses, Abbéville e Évreux como franciscanos, quando eram capuchinhos e não capuchos. No trabalho que publiquei em 1989 errei, com Jaime Walter, ao qualificar Frei Cristóvão de Lisboa como capuchinho, quando era, na verdade, franciscano (WILLEKE, 1977).

Em 1834, como resultado da extinção das ordens religiosas em Portugal, perdeu-se todo o arquivo provincial franciscano. Por outro lado, WILLEKE (1977) comenta, em sua descrição da obra de Frei Cristóvão de Lisboa sobre a história natural do Maranhão e Grão-Pará, que o franciscano destruiu, em São Luís, muitos livros franceses.

Quanto à identidade dos informantes locais que poderiam ter colaborado com os franciscanos e capuchinhos na listagem e descrição de animais e plantas, MENDONÇA (1991) mencionou certos fatos que são esclarecedores, ao analisar a presença constante de franceses no Brasil até o século XVII, através das tentativas de colonização e do comércio e aliança com populações indígenas: "O segredo dessas relações, que foram duradouras a despeito da hostilidade rancorosa dos portugueses, deveu-se mais que tudo ao trabalho e determinação

dos 'truchements' (intérpretes) normandos e bretões, que compunham habitualmente as equipagens dos navios franceses e que, permanecendo por anos entre os índios, desenvolveram com eles relações íntimas de colaboração e solidariedade, tornadas mais efetivas pelos sistemas indígenas de casamento e parentesco. Do mesmo modo, e talvez com maior freqüência que os pioneiros portugueses, que se deixaram ficar entre comunidades indígenas no período inicial da colonização, os 'truchements' são a explicação mais determinante da opção teimosa de muitos grupos indígenas em favor dos franceses. Quase sempre a influência desses intérpretes, garantida por sua presença difusa entre os índios, permaneceu por longos períodos, mesmo que as tentativas abertas de colonização francesa tenham sido abortadas pela oposição armada dos portugueses. A resistência dos tamoios em Iperoig e Cabo Frio, dos potiguaras na Paraíba e Ceará, e dos tupinambás na serra do Ibiapaba e no Maranhão, é testemunho claro da influência duradoura desses línguas franceses."

No caso da Poranduba Maranhense, seu autor menciona (p. 24) a colaboração, em seus trabalhos missionários, de "Sebastião, índio católico versado na língua francesa" e, na página seguinte, refere-se ao francês David Migon como intérprete da língua tupinambá e muito estimado entre os gentios. Possivelmente foram os que assistiram Frei Francisco no preparo da relação de animais e plantas da região. Quanto a Abbéville e Évreux, menciona WILLEKE (1977), que não dominavam o idioma indígena.

#### MAMÍFEROS

Para que se possa avaliar a contribuição de Frei Francisco dos Prazeres ao conhecimento dos mamíferos brasileiros é necessário cotejá-la com a de contemporâneos seus, como ILLIGER (1815); LICHTENSTEIN (1814, 1826); SPIX (1823); WIED (1820-1821, 1826). Dessa comparação, o padre franciscano emerge como um amador, cuja contribuição à história e geografia do país supera em muito o seu legado como naturalista.

Na nota "Ao leitor", Frei Francisco adverte que "No que pertence à história natural omito quazi sempre os termos technicos, e uzo de similhanças para que todos me entendam". O autor usou a classificação aristotélica ou "ecológica", já abandonada por zoólogos de sua época, como ILLIGER (1815) que já adotara o sistema de Cuvier e Duméril, incluindo os mamíferos nas ordens Volitantiá, Pinipedia e Natantiá. Na Poranduba, os mamíferos aparecem nos capítulos: "**XXXI Quadrupedes e outros animaes**", no qual se encontram descritas as espécies terrícolas; "**XXXII Das aves e insectos volateis**"; e "**XXXIII Dos peixes e anfíbios dos rios e lagos**".

Estão incluídas espécies do Maranhão e da amazônia. As observações refletem o conhecimento popular e o grupamento das espécies não reflete uma análise criteriosa, assim como não se percebe uma visão zoogeográfica de composição faunística regional. As descrições têm a singeleza daquelas encontradas nos bestiários medievais e são vasadas em linguagem corrente, com comparações e analogias com espécies européias. Algumas lendas são regis-

tradas como fatos. Outras são postas em dúvida, como as cadeias de macacos para atravessar rios.

Há uma nota interessante sobre fósseis, que vale a pena reproduzir: "Apareceram no Brazil grandes ossadas de um monstro animal xamado mamote (talvez seja o behemoth de que fala Job c.40) que provam a existencia d'elle em tempos antigos. No rio de Contas se descobrio no seculo passado uma ossada de tal grandez, que a canéla da perna tinha a altura de um homem ordinario, e para mover o queixo inferior foram necessarios 4 homens. Em toda a America se duvidou si existia este animal, até que a poucos annos, segundo a **Gazeta do Rio de Janeiro**, foi descoberto nos dezertos occidentaes da America sepetentrional. Tem 15 pés de alto, é coberto de cabelos, e não tem cornos; sustenta-se de vegetaes, e nunca se deita. D'aqui se segue não ser o giracatachem d'Absinia, o maior animal do mundo, como diz o Padre Baltazar Telles na sua Historia da Etiopia Alta ou Preste João. Segundo Baltazar Teles facilmente passa um omem, montado em bom cavallo, por baixo do giracataxem; mas este não é tão carnozo como o elefante".

#### RELAÇÃO DOS MAMÍFEROS, COMENTÁRIOS E NOME ATUAL

##### "XXXI – Quadrupedes e outros animaes"

ANTA – *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758). Descrição razoável. Menciona que "quando a onça lhe salta no caxaço, corre com grande rapidez e mete-se por baixo de algum tronco que tocando-lhe no lombo, sacuda fora o seo inimigo".

CAXORRO – *Dusicyon thous* (Linnaeus, 1766).

CAPIVARA – *Hydrochoerus hydrochoeris* (Linnaeus, 1762). Menciona os "dentes e focinho de lebre".

COELHO – *Silvilagus brasiliensis* (Linnaeus, 1758).

COTIA – A referência à pele e ao "rabo muito pequeno" ... identificam a cotiara da amazônia, *Myoprocta exilis* (Wagler, 1831).

#### GATO BRAVO

**pardo ou mourisco** – *Felis yagouaroundi* E. Geoffroy, 1803.

**vermelho** – *Felis* sp.

**maracajá** – *Felis pardalis* Linnaeus, 1758.

GUARÁ – *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) - "Dizem, que seos dentes são contra-veneno das cobras".

GUAXINIM ou macaco do mangue – *Procyon cancrivorus* G. Cuvier, 1798. Correta observação dos hábitos alimentares.

LONTRA – *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818). "No rio Parnahiba tem cor de xumbo".

**MACACO** – "Os macacos não gostam de molhar os pés; e por isso (segundo dizem alguns) passam os rios fazendo desde cima de uma árvore uma cadeia, cada um pegado ao rabo do outro, e balançando-se até o do fundo pegar em algum ramo d'árvore da parte oposta, para então o primeiro se dezagarrar".

**Guariba** – *Alouatta belzebul* (Linnaeus, 1766).

**Prégo** – *Cebus apella* (Linnaeus, 1758).

**Coxiú** – *Chiropotes satanas* (Hoffmannsegg, 1807).

**Capijúba** – *Saimiri* sp. "O capijuba é amarelado e mais pequeno" (que o coxiú).

**Jerupari** – "O jerupari tem marrafas como o coxiú, e é maior do que elle". Não identificável. Talvez *Pithecia* sp. Inclui referência a várias espécies, que não descreve. Entre elas podemos reconhecer: **saguim** - *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) e *Cebuella pygmaea* (Spix, 1823).

**MARITACACA** ou cangambá – *Conepatus semistriatus* (Boddaert, 1785). Se a espécie de Ihering for válida será *C. bahiensis* H. Ihering, 1911.

**MOCÓ** – *Kerodon rupestris* (Wied, 1820). Menciona erradamente que "é grande destruidor dos ratos".

**MOCURA**, sarigué, saroê ou gambá – *Didelphis marsupialis* (Linnaeus, 1758). Descreve bem e acrescenta que "A cauda deste animal é prestantissimo remedio para doença de rins e pedra, bebida em agua e na quantidade de uma onça por algumas vezes em jejum; faz geral [sic] leite, serve para dores de colica, acelera os partos, e tem outras virtudes admiraveis".

## ONÇA

**Pintada** ou verdadeira – *Panthera onca* (Linnaeus, 1758).

**Cangussú** – *Panthera onca* (Linnaeus, 1758).

**Suçarãna** – *Felis concolor* Linnaeus, 1771.

**Mistiça** – seria "filha do tigre e suçarãna".

**PÁCA** – *Agouti paca* (Linnaeus, 1766).

**PAPA-MEL**, irara - *Eira barbara* (Linnaeus, 1758).

## PORCO DO MATO

**Queixada** – *Tayassu pecari* (Link, 1795).

**Verdadeiro** – *Tayassu tajacu* (Linnaeus, 1758).

**Caitetú** ou **taitetú** – *Tayassu tajacu* (Linnaeus, 1758).

**PORCO ESPINHO** – *Coendou prehensilis* (Linnaeus, 1758). Menciona o comportamento de defesa folclórico de sacudir o corpo e lançar os espinhos.

**PREGUIÇA** – *Choloepus didactylus* (Linnaeus, 1758). "Semilhante a um gato grande grosso"... Descreve a preguiça de dois dedos.

**PREÁ** – *Cavia aperea* Erxleben, 1777.

## QUATI

**Quatipurú** – *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766). Usa o nome popular aplicado aos ciurídeos, mas descreve um quati.

**Quati-mondé** – *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766).

**RAPOZA** – *Dusicyon vetulus* Lund, 1840. Erra ao dizer que anda em bandos.

## RATO

**Sabujá** – corruptela de sauyá. A menção de que alguns o comem, sugere que se refira a *Trichomys apereoides* (Lund, 1839), o punaré.

**TAMANDUÁ** – boa descrição, inclusive da maneira de caminhar e das pegadas.

**Bandeira** – *Myrmecophaga tridactyla* Linnaeus, 1758.

**Jaléco** – *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758).

**Tamanduahi** – *Cyclopes didactylus* (Linnaeus, 1758).

## TATÚ

**Canastra** – *Priodontes maximus* Kerr, 1792.

**Verdadeiro** – *Dasybus novemcinctus* Linnaeus, 1758.

**Péba** – *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758).

**Bóla** – *Tolypentes tricinctus* (Linnaeus, 1758).

**Xina, tatuhi** – *Dasybus septemcinctus* Linnaeus, 1758.

**VEADO** – como os autores do século passado e do início do século XX, confunde as espécies e combina descrições de formas distintas.

**Suçupárá** – descreve *Edocerus dichotomus* (Illiger, 1815).

**Campeiro** – o nome comum é o de *Blastocerus bezoarticus* (Linnaeus, 1758), mas a descrição não é identificável. Nos autores antigos é comum referirem-se a espécies neotropicais sem chifres: podem ser machos brocos ou na muda, ou fêmeas.

**Catingueiro** – *Mazama gouazoubira* (Fischer, 1814).

**Mateiro** – *Mazama americana* (Erxleben, 1777). Bem descrito.

**Galheiro** – pode ser *B. bezoarticus* (Linnaeus, 1758).

## "XXXII – Das aves e insectos volateis"

**MORCEGO** – admite várias espécies e menciona a hematofagia "o que mata muitos gados, não só pela falta de sangue, mas também por apodrecer a ferida e criar bixos".

## "XXXIII – Dos peixes e anfibios dos rios e lagos"

**LONTRA** – "Veja-se entre os quadrupedes".

**PEIXE-BOI** – *Trichechus inunguis* (Natterer, 1883).

AGRADECIMENTOS. Ao Prof. Messias Carrera, pela amizade e pelo presente de um exemplar da Poranduba Maranhense, importante aquisição de minha biblioteca. Ao Prof. Carlos

Almaça, do Museu Bocage, Lisboa, pelas informações sobre a biografia de Frei Francisco dos Prazeres. A Adriana Mohr, pela leitura crítica e preparo dos originais.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- D'ABBÉVILLE, C. 1614 . **Histoire de la mission des pèrescapucins en l'isle de Maragnan et terres circovoisines**. Paris.
- D'ACOSTA, J. 1590. **Historia natural y moral de los indios**. Sevilha.
- ALBERTIN, P.J. 1985. Arte e ciência no Brasil holandês. **Theatrirerum naturali brasiliae: um estudo dos desenhos**. **Revta bras. Zool.** 3 (5): 249-326.
- ALMAÇA, C. 1991. **The beggining of the Portuguese mammalogy**. Lisboa, Mus. Nac. Hist. Nat., Univ. Lisboa.
- AVILA-PIRES, F.D. 1965. The specimens of Brazilian mammals collected by Prince Maximilian zu Wied. **Amer. Mus. Novitates** 2209: 1-21.
- . 1967. The type locality of *Chaetomys subspinosus* (Olfers, 1818). **Rev. bras. Biol.** 27 (2): 177-179.
- . 1974. Caracterização zoogeográfica da Província Amazônica. **An. Acad. brasil. Ciênc.** 46 (1): 133-181.
- . 1989. Mamíferos da França Equinocial (Maranhão, Brasil). **Revta bras. Zool.** 6 (3): 423-442.
- BETENDORF, J.F. 1910. Chronica da Missão dos Padres Missionarios da Companhia de Jesus com o Estado do Maranhão. **Revta Inst. Hist. Geogr. Bras.** 72 (1), 1909:1-697.
- DAUDIN, H. 1926. **De Linné a Jussieu - Méthode de la Classification et l'idée de série en Botanique et en Zoologie (1740-1790)**. Paris, Félix Alcan.
- DELAUNAY, P. 1962. **La zoologie au seizième siècle**. Paris, Hermann.
- D'ÉVREUX, Y. 1615. **Histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan en années 1613 et 1614**. Paris.
- ILLIGER, C. 1815. **Prodomus systematis mammalium et avium additis terminis zoographicis utriusque classis, eorumque versione germanica**. Berlim (1811).
- LICHTENSTEIN, M. 1814, 1826. Die Werke von Marcgrave und Piso über die Naturgeschichte Brasiliens, erläutert aus den wiederaufgefundenen Original Zeichnungen. **Abhandl. Königl. Ak. Wissensch., Berlin**, 1814-1815, p. 201-222; 1826 p. 49-65.
- LISBOA, C. 1967. **História dos animais e árvores do Maranhão**. Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino e Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- LOPES, R. 1970. **Uma região tropical**. R. Janeiro, Fon-Fon e Selecta.
- MARCGRAVE, G. 1648. **Historia Rerum Naturalium Brasiliae**. Antuerpia, Ioannes de Laet ed.
- MENDONÇA, P.K. 1991. **O Rio de Janeiro da Pacificação**. Rio de Janeiro, Sec. Mun. Cult. Tur. Esp., Depto Doc. Inf. Cult. Div. Edit.
- PISO, W. 1658. **De India Utriusque re naturali et medica**. Amsterdam.

- PRAZERES, F. 1891. Poranduba Maranhense. **Rev. Inst. Hist. Geogr. Braz.**, Rio de Janeiro, **54** (1): 1-281.
- REIS, A.C.F. 1979. **Santarém: seu desenvolvimento histórico**. Brasília, Civilização Brasileira.
- SPIX, J. 1823. **Simiarium et Vespertilionum Brasiliensium**. Munich.
- STRESEMANN, E. 1950. Die brasilianischen Vogelsammlungen des Graf von Hoffmannsegg aus den Jahren 1800-1812. **Bonner zool. Beitr.**, Heft, **1**: 43-51; Heft **2**: 126-143.
- THOMAS, O. 1911. The mammals of the tenth edition of Linnaeus. **Proc. Zool. Soc. London** (2): 150-158.
- WAGENER, Z. 1964. **Zoobibliion. Brasiliensia Documenta, IV**. São Paulo.
- WIED, M. 1820-1821. **Reise nach Brasilien**. vols 1 e 2. Frankfurt.
- . 1826. **Beitrage zur Naturgeschichte von Brasilien**. Weimar.
- WILLEKE, V. 1977. **Franciscanos na história do Brasil**. Petrópolis, Vozes.

---

Recebido em 20.IX.1992; aceito em 21.V.1993.